UMA SAGA SOBRE CHURCHILL,
FAMÍLIA E RESISTÊNCIA

O ESPLÊNDIDO E O VIL

ERIK LARSON

intrínseca

UMA SAGA SOBRE CHURCHILL,
FAMÍLIA E RESISTÊNCIA

O ESPLÊNDIDO E O VIL

ERIK LARSON

Tradução de Rogerio W. Galindo
e Rosiane Correia de Freitas

intrínseca

Copyright © 2020 by Erik Larson

TÍTULO ORIGINAL
The Splendid and the Vile

PREPARAÇÃO
Anna Beatriz Seilhe
Isabella Pacheco
João Sette Câmara

REVISÃO
Eduardo Carneiro
Wendell Setubal

REVISÃO TÉCNICA
Antenor Savoldi Jr.

DIAGRAMAÇÃO
Inês Coimbra

IMAGEM FRONTISPÍCIO
Central Press/Hulton Archive/Getty Images

MAPA
Jeffrey L. Ward

DESIGN DE CAPA
Christopher Brand

FOTOGRAFIA DE CAPA
Hulton Deutsch/Corbis Historical/Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L343e

Larson, Erik, 1954-
O esplêndido e o vil : uma saga sobre Churchill, família e resistência durante a Blitz / Erik Larson ; [tradução Rogério Galindo]. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.
624 p.: 23 cm.

Tradução de: The splendid and the vile : a saga of Churchill, family, and defiance during the Blitz
ISBN 978-65-5560-090-2

1. Churchill, Winston, 1874-1965. 2. Primeiros-ministros - Grã-Bretanha - Biografia. 3. Guerra Mundial, 1939-1945 - Grã-Bretanha. 4. Guerra Mundial, 1939-1945 - Campanhas - Grã-Bretanha. 5. Londres (Inglaterra) - História - Bombardeio, 1940-1941. I. Galindo, Rogério. II. Título.

20-66665

CDD: 940.542121
CDU: 94(410)"1939/1945"

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Uma nota para os leitores

Só quando me mudei para Manhattan há alguns anos entendi, com clareza, quanto a experiência pela qual os nova-iorquinos passaram no 11 de setembro de 2001 foi diferente do que sentimos vendo o pesadelo se desenrolar a distância. A cidade natal daquelas pessoas estava sendo atacada. Quase imediatamente comecei a pensar sobre Londres e os ataques aéreos alemães de 1940-41, e imaginei como alguém conseguiu suportar aquilo: 57 noites consecutivas de bombardeio, seguidas por uma série cada vez mais intensa de ataques noturnos durante os seis meses seguintes.

Pensei, particularmente, em Winston Churchill. Como ele suportou? E sua família e amigos? Como foi ter sua cidade bombardeada por noites a fio e saber muito bem que esses ataques aéreos, apesar de terríveis, eram provavelmente o preâmbulo de algo muito pior: uma invasão alemã pelo mar e pelos ares, com paraquedistas pousando em seu jardim, tanques Panzer desfilando pela Trafalgar Square e gás venenoso flutuando sobre a praia onde ele, em outro momento, havia pintado o mar?

Decidi investigar, e rapidamente percebi que uma coisa é *dizer* "Siga em frente com a sua vida", outra é fazer isso de fato. Eu me concentrei no primeiro ano de Churchill como primeiro-ministro, de 10 de maio de 1940 a 10 de maio de 1941, período que coincidiu com a campanha aérea alemã, que desdobra-se de ataques esporádicos e aparentemente sem alvos definidos para uma invasão total da cidade de Londres. O ano acabou em um fim de semana de violência vonnegutiana, quando o cotidiano e o fantástico convergiram para marcar o que se provou ser a primeira grande vitória da guerra.

O que se segue não é, de forma alguma, uma história definitiva da vida de Churchill. Outros autores conseguiram isso, especialmente seu incansável, porém não imortal, biógrafo Martin Gilbert, cujo estudo de oito volumes deve satisfazer qualquer desejo por cada detalhe. Este é um relato mais íntimo, que se dedica à maneira como Churchill e seu círculo sobreviveram diariamente: os piores momentos e a luz, os enredos românticos e as desilusões, as tristezas e as risadas, os pequenos episódios estranhos que revelam como era realmente a vida sob a tempestade de aço de Hitler. Este foi o ano em que Churchill se tornou *Churchill*, o buldogue fumante de charutos que pensamos conhecer, quando ele fez seus maiores discursos e mostrou ao mundo o que era coragem e liderança.

Embora às vezes possa não parecer, este é um trabalho de não ficção. Todo trecho entre aspas vem de algum tipo de documento histórico, como um diário, carta, memórias ou outro artefato; qualquer referência a um gesto, olhar, sorriso ou outra reação facial vem de um relato de alguém que o testemunhou. Se algo daqui em diante desafiar algumas crenças sobre Churchill e sua época, posso apenas dizer que a história é um lugar animado, cheio de surpresas.

Erik Larson
Manhattan, 2020

Sumário

Uma nota para os leitores • 9
Expectativas sombrias • 15

Parte I:
A ameaça crescente • 21
Parte II:
Uma certa eventualidade • 81
Parte III:
Medo • 179
Parte IV:
Sangue e poeira • 231
Parte V:
Os americanos • 369
Parte VI:
Amor em meio às chamas • 447
Parte VII:
Exatamente um ano • 497

Fontes e Agradecimentos • 549
Notas • 555
Bibliografia • 589
Índice • 597

NORUEGA
N
Thurso
Scapa Flow
ESCÓCIA
0 Milhas 100 200
0 Quilômetros 200
Glasgow
(Dungavel House)
Mar do Norte
REINO UNIDO
Liverpool
IRLANDA
INGLATERRA
HOLANDA
Birmingham
Coventry
Breckles
(Breccles Hall)
Chipping Norton
(Ditchley)
Aylesbury
(Chequers)
Roterdã
Londres
Dunquerque
Westerham
(Chartwell)
Southampton
Estreito de Dover
Cap
Blanc-Nez
BÉLGICA
Plymouth
Canal Inglês
Oceano Atlântico
Paris
FRANÇA
Tours
© 2020 Jeffrey L. Ward

Expectativas sombrias

Ninguém tinha dúvida de que os bombardeiros viriam. O planejamento da defesa começou muito antes da guerra, embora os planejadores não tivessem nenhuma ameaça específica em mente. A Europa era a Europa. Se experiências passadas pudessem servir como algum tipo de guia, uma guerra poderia começar em qualquer lugar, a qualquer momento. Os líderes militares do Reino Unido viam o mundo pelas lentes da experiência do império na última guerra, a Grande Guerra, com seu massacre gigantesco de soldados e civis e os primeiros ataques aéreos sistemáticos da história, conduzidos sobre a Inglaterra e a Escócia usando bombas lançadas de zepelins alemães. O primeiro desses ataques aconteceu na noite de 19 de janeiro de 1915, e foi seguido por mais de cinquenta outros, durante os quais dirigíveis gigantes flutuando silenciosamente pelos céus da Inglaterra despejaram 162 toneladas de bombas que mataram 557 pessoas.[1]

Desde então, as bombas se tornaram maiores, mais mortais e com mais artimanhas, dispositivos de retardamento e modificações que as faziam guinchar enquanto caíam. Uma imensa bomba alemã, de quatro metros e 1,8 tonelada chamada Satã podia destruir uma quadra inteira.[2] A aeronave que carregava essas bombas também ficou maior, e mais rápida, e voava mais alto, e portanto obtinha mais sucesso em escapar do front das defesas. Em 10 de novembro de 1932, Stanley Baldwin, então vice-primeiro-ministro, apresentou na Câmara dos Comuns uma previsão do que estava por vir: "Penso que é bom que o homem comum perceba que não há poder na Terra que possa protegê-lo de ser bombardeado. Independentemente do que se diga a ele, o bombardeiro sempre conseguirá chegar."[3] A única defesa efetiva estava no

ataque, ele disse, "o que significa que você tem de matar mais mulheres e crianças mais rápido que o inimigo, se quiser se salvar".

Os especialistas em defesa civil da Grã-Bretanha, temendo um "nocaute", previam que o primeiro ataque aéreo a Londres iria destruir grande parte da cidade, se não toda ela, e mataria duzentos mil civis.[4] "Acreditava-se veementemente que Londres seria reduzida a destroços minutos após a guerra ser declarada", escreveu um oficial de baixo escalão.[5] Os ataques causariam tamanho terror entre os sobreviventes que milhões enlouqueceriam. "Por muitos dias, Londres será uma confusão delirante", escreveu J. F. C. Fuller, um teórico militar, em 1923. "Os hospitais serão invadidos, o tráfego irá parar, os sem-teto vão gritar por ajuda, a cidade virará um pandemônio."[6]

O Ministério do Interior estimou que se os protocolos normais de sepultamento fossem seguidos, os fabricantes de caixões precisariam de dois milhões de metros quadrados de "madeira de caixão", uma quantidade impossível de ser obtida.[7] Seria preciso construir caixões de papelão pesado ou papel machê, ou simplesmente enterrar as pessoas em mortalhas.[8] "Para enterros coletivos", o Departamento Escocês de Saúde recomendava que "o tipo mais apropriado de sepultura é a vala, com profundidade suficiente para acomodar cinco camadas de corpos".[9] Os planejadores pediram que grandes valas fossem cavadas nos limites de Londres e em outras cidades, com a escavação feita da forma mais discreta possível. Os agentes funerários receberiam treinamento para descontaminar corpos e roupas de pessoas mortas por gases venenosos.[10]

Quando o Reino Unido declarou guerra contra a Alemanha, em 3 de setembro de 1939, em resposta à invasão da Polônia por Hitler, o governo se preparou para os bombardeios e invasões que certamente se seguiriam. O codinome para sinalizar que a invasão era iminente ou estava em andamento era "Cromwell".[11] O Ministério da Informação emitiu um comunicado especial, *Derrotando o Invasor*, que foi enviado para milhões de casas. A publicação não foi feita para acalmar a população. "Quando o inimigo chegar", alertava, "... haverá a mais violenta batalha". O texto instruía os leitores a seguir qualquer conselho do governo para evacuar a cidade. "Quando o ataque começar, será tarde demais para ir embora... FIQUEM FIRMES." Os campanários das igrejas silenciaram em toda a Grã-Bretanha. Seus sinos eram então o alarme designado para tocar apenas quando "Cromwell" fos-

se solicitado e os invasores estivessem a caminho. Se sinos soassem, significava que paraquedistas tinham sido vistos próximos. Sobre isso, o panfleto instruía: "desmonte e esconda sua bicicleta e destrua seus mapas". Se você tivesse um carro: "Remova a cabeça e os cabos do distribuidor e esvazie o tanque ou remova o carburador. Se você não sabe como fazer isso, pergunte na oficina mais próxima."

Cidades e vilas retiraram placas de trânsito e limitaram a venda de mapas a pessoas que tinham autorizações da polícia.[12] Fazendeiros deixaram carros velhos e tratores em seus campos como obstáculos contra planadores cheios de soldados. O governo entregou 35 milhões de máscaras contra gás para civis, que as carregavam para o trabalho e a igreja e as mantinham ao lado da cama.[13] As caixas de correio de Londres receberam uma pintura amarela especial que mudava de cor na presença de gás venenoso.[14] Regras rigorosas de blecaute escureceram tanto as ruas da cidade que se tornou quase impossível reconhecer um visitante numa estação de trem depois do anoitecer.[15] Nas noites sem lua, pedestres atravessavam a rua na frente de carros e ônibus, batiam contra postes de luz, caíam do meio-fio e tropeçavam em sacos de areia.

De repente, todo mundo passou a prestar atenção às fases da Lua. Bombardeiros podiam atacar durante o dia, claro, mas imaginava-se que à noite poderiam localizar seus alvos apenas sob a luz da lua. A lua cheia e os dias imediatamente anteriores e posteriores se tornaram conhecidos como "lua de bombardeiro".[16] Havia certo consolo no fato de que bombardeiros e, mais importante, suas escoltas de caças teriam de voar um longo caminho desde suas bases na Alemanha, uma distância tão grande que poderia limitar-lhes o alcance e a letalidade. Mas isso presumia que a França, com seu forte exército, a Linha Maginot e sua poderosa marinha, permaneceria firme e, assim, cercaria a Luftwaffe e bloquearia todos os caminhos alemães para a invasão. A resistência da França era o pilar da estratégia de defesa britânica. Era inimaginável que a França fosse cair.

"A atmosfera não é apenas de ansiedade", escreveu Harold Nicolson, que logo se tornaria secretário parlamentar no Ministério da Informação, em seu diário em 7 de maio de 1940. "É uma atmosfera de medo real."[17] Ele e sua esposa, a escritora Vita Sackville-West, concordaram em cometer suicídio, se fosse preciso, para evitar que fossem capturados pelos invasores

alemães. “Deve haver algo rápido, indolor e portátil”, escreveu ela para ele em 28 de maio. “Ah, meu caro, meu querido, e pensar que chegamos a ter de pensar nisso!”

A confluência de forças e circunstâncias imprevistas finalmente trouxe os bombardeiros para Londres, sendo que um evento particularmente importante aconteceu logo antes do crepúsculo de 10 de maio de 1940, uma das noites mais lindas de uma das melhores primaveras de que as pessoas conseguiam se lembrar.

1940

Parte I

A ameaça crescente

Maio — Junho

Capítulo 1
A partida do Legista

Os carros aceleravam ao longo do Mall, a ampla avenida que seguia de Whitehall, a sede dos ministérios do governo britânico, ao Palácio de Buckingham, a casa de 775 cômodos do rei George VI e da rainha Elizabeth, com sua fachada de pedra visível no fim da rua, encoberta pelas sombras. Era fim de tarde, sexta-feira, 10 de maio. Em todo lugar, jacintos e prímulas floresciam. Delicadas folhas de primavera cobriam as árvores. Os pelicanos do Parque St. James desfrutavam o calor e a adoração dos visitantes, enquanto seus primos menos exóticos, os cisnes, boiavam com a ausência de interesse habitual. A beleza do dia era um contraste chocante com tudo que acontecera desde o amanhecer, quando as forças alemãs invadiram a Holanda, a Bélgica e Luxemburgo com blindados, bombardeiros e tropas de paraquedistas, causando um efeito avassalador.

No banco traseiro do primeiro carro estava a maior autoridade naval britânica, o primeiro lorde do Almirantado, Winston S. Churchill, de 65 anos. Ele tinha ocupado o mesmo posto antes, durante a guerra anterior, e havia sido indicado novamente pelo primeiro-ministro, Neville Chamberlain, quando a guerra foi declarada. No segundo carro ia o policial que cuidava da segurança de Churchill, o inspetor Walter Henry Thompson, da Divisão Especial da Scotland Yard, responsável pela preservação da vida de Churchill. Alto e magro, com nariz anguloso, Thompson era onipresente, visto com frequência nas fotos da imprensa, mas raramente mencionado — um "esbirro", no vocabulário da época, como tantos que realizavam o trabalho governamental: a miríade de secretários particulares e parlamentares e assistentes e datilógrafos que constituíam a infantaria de Whitehall.

No entanto, diferente da maioria, Thompson sempre carregava uma pistola no bolso do sobretudo.

Churchill havia sido convocado pelo rei. Para Thompson, pelo menos, a razão parecia óbvia. "Dirigi atrás do Velho com um orgulho indescritível", escreveu.[1]

Churchill entrou no palácio. O rei George tinha 44 anos e estava no quarto ano de seu reinado. Cambaio, boca de peixe, com orelhas enormes e sofrendo de uma significativa gagueira, ele parecia frágil, especialmente em comparação com seu visitante, que, apesar de oito centímetros mais baixo, tinha um diâmetro muito maior. O rei desconfiava de Churchill. Sua simpatia por Edward VIII, irmão mais velho do rei, cujo romance com a divorciada americana Wallis Simpson deu início à crise da abdicação de 1936, permaneceu um ponto de atrito entre Churchill e a família real. O rei também se ofendeu com as críticas que Churchill havia feito ao primeiro-ministro, Chamberlain, em relação ao Acordo de Munique de 1938, que permitiu a Hitler anexar uma parte da Tchecoslováquia. O rei mantinha uma desconfiança geral em relação à independência de Churchill e a suas lealdades políticas mutantes.

Ele pediu a Churchill que se sentasse e o encarou firmemente por um tempo, de uma forma que Churchill descreveu depois como inquisitiva e debochada.

O rei disse:

— Imagino que não saiba por que o chamei aqui, certo?

— Senhor, eu simplesmente não consigo imaginar.[2]

Tinha havido uma rebelião na Câmara dos Comuns que deixara o governo de Chamberlain ameaçado. A história começou num debate sobre o fracasso britânico em uma tentativa de expulsar as forças alemãs da Noruega, invadida por Hitler um mês antes. Churchill, como primeiro lorde do Almirantado, foi o responsável pelo componente naval da tentativa. Agora eram os britânicos que enfrentavam uma expulsão, diante de um ataque alemão inesperadamente feroz. O fracasso gerou pedidos de uma mudança no governo. Na visão dos rebeldes, Chamberlain, de 71 anos, apelidado de "médico-legista" e "Guarda-Chuva Velho", não estava à altura da tarefa de gerenciar uma guerra em franca expansão. Em um discurso em 7 de maio, um membro do Parlamento, Leopold Amery, fez uma crítica direta a Chamberlain, citando palavras de Oliver Cromwell de 1653: "Você já esteve sentado aqui por

tempo demais pelo bem que está fazendo! Vá, digo, e deixe-nos ficar sem você! Em nome de Deus, vá!"[3]

A Câmara votou uma moção de confiança, por meio de uma "divisão", na qual os membros se alinharam no saguão em duas filas, uma para o sim e outra para o não, e foram contados. À primeira vista, a votação parecia uma vitória para Chamberlain — 281 votos sim contra duzentos votos não —, mas, na realidade, comparando a outras votações, isso acabou ressaltando quanto apoio político ele havia perdido.

Mais tarde, Chamberlain se encontrou com Churchill e disse que planejava renunciar. Churchill, querendo parecer leal, convenceu-o a ficar. Isso animou o rei, mas levou um rebelde, chocado com a ideia de que Chamberlain fosse tentar permanecer, a compará-lo a "um velho pedaço de chiclete sujo grudado na perna de uma cadeira".[4]

Na quinta-feira, 9 de maio, as forças que se opunham a Chamberlain haviam aprofundado sua decisão. Ao longo do dia, a saída dele parecia cada vez mais certa, e dois homens rapidamente surgiram como candidatos mais prováveis para substituí-lo: seu secretário das Relações Exteriores, lorde Halifax, e o primeiro lorde do Almirantado, Churchill, que boa parte do público adorava.

Mas então veio a sexta-feira, dia 10 de maio, e com ela os ataques-relâmpago de Hitler aos Países Baixos. A notícia lançou uma nuvem negra sobre Whitehall, embora para Chamberlain também tenha trazido uma esperança renovada de que seria possível manter o cargo. Certamente a Câmara concordaria que diante de tais acontecimentos seria pouco recomendável trocar de governo. Os rebeldes, no entanto, deixaram claro que não trabalhariam sob o comando de Chamberlain e pressionaram pela indicação de Churchill.

Chamberlain percebeu que não tinha escolha a não ser renunciar. Ele insistiu que lorde Halifax aceitasse o cargo. Halifax parecia mais estável que Churchill, menos propenso a levar a Grã-Bretanha a uma nova catástrofe. No Whitehall, Churchill era reconhecido como um orador brilhante, muito embora fosse considerado por muitos desprovido de bom senso. O próprio Halifax se referia a ele como um "elefante maroto".[5] Mas Halifax, que duvidava de sua própria habilidade para liderar em tempo de guerra, não queria o trabalho. E deixou isso claro quando um emissário enviado para tentar convencê-lo do contrário descobriu que ele havia saído para ir ao dentista.[6]

Restou ao rei decidir. Primeiro, convocou Chamberlain. "Aceitei sua renúncia", escreveu o rei em seu diário, "e disse que considerei injusta a forma como ele foi tratado, e que lamentava que toda essa controvérsia tivesse acontecido".[7]

Os dois homens conversaram sobre sucessores. "Eu, claro, sugeri Halifax", escreveu o rei. Ele considerava Halifax a "escolha óbvia".

Mas Chamberlain o surpreendeu: recomendou Churchill.

O rei escreveu: "Convoquei Churchill e pedi que formasse um governo. Ele aceitou e me disse não ter imaginado que esta era a razão da minha convocação"[8] — apesar de Churchill, de acordo com o relato do soberano, ter à mão alguns nomes de homens que estava considerando para seu gabinete.

Os carros que levavam Churchill e o inspetor Thompson voltaram para a Casa do Almirantado, sede do comando naval em Londres e, na ocasião, casa de Churchill. Os dois homens saíram dos carros. Como sempre, Thompson mantinha uma das mãos no bolso do sobretudo para ter acesso rápido à pistola. Sentinelas segurando rifles com baionetas estavam de prontidão, assim como soldados armados com metralhadoras Lewis, protegidos por barricadas de sacos de areia. No gramado adjacente do St. James Park, a longa fila de canos da artilharia antiaérea apontava para o céu em ângulos estalagmíticos.

Churchill voltou-se para Thompson.

"Você sabe por que estive no Palácio de Buckingham", disse.[9]

Thompson sabia, e o parabenizou, mas acrescentou que queria que a indicação tivesse vindo antes, num momento melhor, pela imensidão da tarefa adiante.

"Só Deus sabe quão imensa ela é", respondeu Churchill.

Os dois homens apertaram-se as mãos, solenes como num funeral.

"Só espero que não seja tarde demais", Churchill afirmou. "Tenho medo que seja. Mas só o que podemos fazer é o nosso melhor, e dar o resto que temos — seja o que for que nos reste."

Eram palavras sóbrias, embora internamente Churchill estivesse exultante. Havia esperado a vida inteira por esse momento. O fato de ter chegado em uma circunstância tão sombria não importava. Pelo contrário, tornou a nomeação ainda mais extraordinária.

Sob a luz decrescente do crepúsculo, o inspetor Thompson viu lágrimas escorrerem pelo rosto de Churchill. Thompson também se viu quase chorando.

MAIS TARDE NAQUELA NOITE, Churchill estava na cama, animado com a sensação de desafio e oportunidade. "Em minha extensa experiência política", escreveu, "ocupei os principais cargos do Estado, mas admito sem dificuldades que este que agora me foi entregue é meu predileto".[10] Desejar o poder pelo poder era uma busca "vil", acrescentou ele, "mas o poder numa crise nacional, quando um homem sabe quais ordens devem ser dadas, é uma bênção".

Ele sentiu grande alívio. "Finalmente tenho a autoridade para dirigir toda a ação. Eu me senti levado pelo destino, como se toda minha vida até aqui não passasse de uma preparação para esta hora e este desafio… Embora impaciente para que a manhã chegasse, dormi profundamente e não precisei de sonhos animadores. Fatos são melhores que sonhos."[11]

Apesar das dúvidas que revelou ao inspetor Thompson, Churchill levou para o nº 10 da Downing Street uma confiança cega de que, sob sua liderança, a Grã-Bretanha ganharia a guerra, mesmo que qualquer avaliação objetiva concluísse que ele não tinha chances. Churchill sabia que o desafio agora era fazer com que todos acreditassem também — seus compatriotas, seus comandantes, seus ministros e, mais importante, o presidente americano Franklin Roosevelt. Desde o começo, Churchill entendeu uma verdade fundamental sobre a guerra: não iria ganhá-la sem a participação dos Estados Unidos. Sozinha, a Grã-Bretanha poderia enfrentar e manter a Alemanha sob controle, mas apenas a força industrial e o poder humano dos americanos poderiam garantir a erradicação final de Hitler e do Nacional-Socialismo.

O que tornava isso mais assustador era o fato de que Churchill precisava atingir esses objetivos rapidamente, antes que Hitler pusesse toda a sua atenção na Inglaterra e começasse a usar sua força aérea, a Luftwaffe, que a inteligência britânica acreditava ser muito superior à Real Força Aérea, a RAF, na sigla em inglês.

NESSE ÍNTERIM, CHURCHILL precisava lidar com todo tipo de desafio. Um imenso pagamento de uma dívida pessoal vencia no fim do mês, e ele não tinha como pagar. Seu único filho, Randolph, também estava mergulhado em dívidas, demonstrando persistentemente um talento não apenas para gastar dinheiro, mas também para perdê-lo em apostas, uma inaptidão lendária; ele também bebia demais e tinha propensão a fazer escândalos, e constituía, portanto, aquilo que sua mãe, Clementine (pronuncia-se Clemen*tin*), via como risco permanente

de constrangimento para a família. Churchill também tinha de lidar com as regras de blecaute e racionamento e com a constante intromissão de autoridades que queriam mantê-lo em segurança contra tentativas de assassinato — além do eterno tormento do exército de trabalhadores designados para proteger o nº 10 da Downing Street e Whitehall contra ataques aéreos. Suas críticas sem fim, mais do que qualquer outro incômodo, tinham a capacidade de enfurecê-lo.

Talvez com a exceção de assobios.

Certa vez, Churchill disse que seu ódio por assobios era a única coisa que ele tinha em comum com Hitler. Era mais do que uma mera obsessão. "Isso gera um distúrbio quase psiquiátrico nele — imenso, imediato e irracional", escreveu o inspetor Thompson.[12] Certa ocasião, enquanto andavam juntos para o nº 10 da Downing Street, Thompson e o novo primeiro-ministro avistaram um jornaleiro de, talvez, uns 13 anos, andando na direção deles, "com a mão no bolso e o jornal debaixo do braço, assobiando alto e feliz", recordou Thompson.[13]

Enquanto o menino se aproximava, a raiva de Churchill aumentava. Ele encolheu os ombros e andou até o rapaz. "Pare de assobiar", resmungou.

O menino, absolutamente imperturbável, respondeu: "Por quê?"

"Porque eu não gosto e é um barulho horrível."

O garoto seguiu em frente, depois virou-se e gritou: "Você pode tapar os ouvidos, não é?"

O garoto continuou andando.

Churchill ficou chocado por um instante. A raiva tomou seu rosto.

Mas uma das grandes forças de Churchill era saber colocar as coisas em perspectiva, algo que dava a ele a capacidade de separar situações diferentes em caixas, para que o mau humor pudesse, num piscar de olhos, transformar-se em alegria. Enquanto Churchill e Thompson continuavam caminhando, Thompson viu Churchill começar a sorrir. Baixinho, Churchill repetia a tréplica do garoto: "Você pode tapar os ouvidos, não é?"

E riu alto.

Churchill se entregou imediatamente à sua nova responsabilidade, animando muitos, mas confirmando para algumas pessoas suas mais terríveis preocupações.

Assim que Winston Churchill assumiu como primeiro-ministro do Reino Unido, Hitler invadiu a Holanda e a Bélgica. A Polônia e a Tchecoslováquia já haviam sucumbido e a evacuação de Dunquerque ocorreria duas semanas depois. Pelos doze meses seguintes, Hitler travaria uma incessante campanha de bombardeios, matando 45 mil britânicos. Coube a Churchill manter a nação unida e convencer o presidente americano Franklin Roosevelt de que era um aliado valioso — e com disposição para lutar até o fim.

Em *O esplêndido e o vil*, Erik Larson mostra em detalhes como Churchill incutiu no povo britânico "a arte de não temer". Muito além de uma história de malabarismos políticos, a obra é também um drama doméstico e íntimo. Baseado em documentos originais de arquivos e relatórios de espionagem secretos — alguns deles abertos apenas recentemente —, além de diários, o livro oferece uma nova perspectiva sobre o ano mais sombrio da capital inglesa através da experiência cotidiana de Churchill e daqueles próximos a ele.

Além do famoso nº 10 da Downing Street, residência oficial dos primeiros-ministros em Londres, o leitor também é levado a endereços menos conhecidos, como Chequers, a casa de campo oficial, e Ditchley, o lugar que abrigou Churchill e sua equipe quando os ataques se intensificaram.

Narrado em ritmo de ficção, *O esplêndido e o vil* transporta o leitor da disfunção política dos dias de hoje de volta a uma época de verdadeira liderança, quando — ao encarar o horror impiedoso — a eloquência, a coragem e a perseverança de Churchill foram capazes de unir uma família e um reino.

OUTROS LIVROS DO AUTOR: *A última viagem do Lusitania*; *No jardim das feras*; *O demônio na casa branca*

SAIBA MAIS EM:
www.intrinseca.com.br/livro/1003